

ELEMENTOS DE UMA HISTÓRIA DO CURRÍCULO: RELAÇÕES EDUCAÇÃO E PODER SOB REGIME TOTALITÁRIO NO BRASIL E NA ITÁLIA

SANTOS, Ademir Valdir dos*

RESUMO

O estudo apresenta a história do currículo com base no inter-relacionamento entre poder-educação-curriculum, focando a formação da infância e juventude. O objetivo é analisar aspectos de instituição da escola primária, perscrutando pelas relações entre poder autoritário, educação e organização curricular em dois contextos: o regime de Benito Mussolini na Itália (1922-1945) e o de Getúlio Vargas no Brasil (1930-1945). A metodologia é caracterizada por pesquisa documental com o uso de fontes localizadas em ambos os países: legislação, livros, cadernos, jornais escolares e panfleto. Os resultados indicam acordo entre as formas de engendrar e articular as relações entre poder e educação nos dois contextos, sustentando características vinculadas a influências políticas, sociais e culturais na história curricular, considerados os elementos da cultura material da escola como expressão de uma composição curricular historicamente datada. Sob perspectiva comparativa, observado o *locus* destinado à escola naqueles regimes totalitários, mostra-se que as complexas relações entre poder-educação-curriculum orbitaram ao redor do constructo histórico de uma escola fascistizada.

Palavras-chave: História do Currículo. Educação. Poder. Fascismo.

* Doutor em Educação, docente e pesquisador do Departamento de Estudos Especializados em Educação. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação e Instituições Escolares de Santa Catarina - GEPHIESC.

***ELEMENTS OF A HISTORY OF THE CURRICULUM: EDUCATION AND POWER
RELATIONS UNDER TOTALITARIAN REGIME IN BRAZIL AND ITALY***

SANTOS, Ademir Valdir dos*

ABSTRACT

The study presents the history of curriculum based on the inter-relationship between power-education-curriculum, focusing on childhood and youth training. The objective is to analyze the institutional aspects of primary school, by searching for relations between authoritarian power, education and curriculum organized under two contexts: Benito Mussolini regime in Italy (1922-1945) and Getúlio Vargas' government in Brazil (1930-1945). The methodology is characterized by documentary research with the use of sources identified in both countries: legislation, books, school exercise books, school newspapers and prospects. The results indicate agreement between the ways of engendering and articulating the relationship that connected power and education in both contexts, holding characteristics linked to political, social and cultural influences on history of the curriculum, considered elements of the school material culture as the expression of a historically dated composition. Under comparative perspective, observing the locus of the school under those totalitarian regimes, it is shown that the complex relations between power-education-curriculum orbited around the historical borders of the fascistization of school.

Keywords: *History of the Curriculum. Education. Power. Fascism.*

* PhD in Education, professor and researcher at the Department of Specialized Studies in Education. Leader of the Study and Research Group in History of Education and School Institutions of Santa Catarina –GEPHIESC.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Enciclopédia Internacional de Educação (*The International Encyclopedia of Education*¹), “A história do currículo, como uma área de pesquisa e como uma disciplina científica, é um fenômeno relativamente recente dentro da história da educação” e ao agregar diferentes filiações, perspectivas e enfoques, seu significado para as instituições escolares tem sido evidenciado, notadamente em suas relações com a expansão dos estudos curriculares e com as sociologias da educação e do conhecimento, sendo que, sob perspectiva histórica:

A historiografia da educação consistiu tradicionalmente em dois domínios principais: a história das ideias educacionais; e a história dos sistemas e instituições educacionais, junto da legislação educacional. A história do currículo adiciona um terceiro domínio principal e toma como sua área de pesquisa o conteúdo e aspectos internos de escolarização. (THE INTERNATIONAL ENCYCLOPEDIA OF EDUCATION, 1994, p.1301-2, grifos meus).

Nota-se que os estudos internacionais evidenciam os pensadores, o desenvolvimento dos sistemas educacionais e sua legislação, mas também atravessam as práticas:

O objetivo da história do currículo pode ser o esforço dos pesquisadores para fazer a crônica, interpretar e conseqüentemente entender os processos através dos quais certo conteúdo é, ao longo do tempo, selecionado, organizado e distribuído através das instituições educacionais, e focar sobre o que resulta ensinado nas escolas (THE INTERNATIONAL..., p.1302, grifos meus).

Também as relações entre educação e poder vem sendo estudadas, em suas diversas expressões, indicando se acreditar que educação é poder. Em diferentes contextos históricos, a educação tem sido relacionada às diversas instituições sociais, ora sendo afetada pelos contextos, ora influenciando na configuração política, social, econômica e cultural. É possível detectar vinculações entre a educação e o poder unidirecionais, biunívocas ou dialéticas, engendradas por protagonistas que conjugam matizes culturais, políticos, econômicos, religiosos, militares, entre outros. Perguntas repercutem e causam interesse: como o poder age sobre a educação escolar e vice-versa? Que elementos da escola são afetados em sua materialidade e significados neste relacionamento? Como o poder age sobre o currículo e veículos tais como os professores e materiais didáticos? Que elementos para uma caracterização das relações de poder e de processos curriculares, sob perspectiva histórica,

podem se extraídos com base em elementos da cultura material escolar, ou seja, mediante análise de fontes documentais? De que modo as relações entre poder e educação afetam os processos formativos, influenciando crianças e jovens?

Diante do que se pôs, o objetivo geral é apresentar e discutir elementos para uma história do currículo, considerando o complexo inter-relacionamento entre história da educação, estudos do currículo e sociologias da educação e do conhecimento. A investigação pretende alimentar o debate sobre os complexos liames entre *poder-educação-currículo*, discutindo seu papel na formação da infância e juventude. Especificamente, o intento é analisar aspectos históricos de instituição da escola primária, perscrutando pelas relações entre educação, poder e currículo em dois contextos: o regime ditatorial de Benito Mussolini na Itália (1922-1945) e o de Getúlio Vargas no Brasil (1930-1945), neste caso enfatizando o período do Estado Novo (1937-45).

A metodologia é caracterizada por pesquisa documental com o uso de fontes localizadas na Itália e no Brasil: legislação, livros, cadernos, jornais escolares e panfleto, integrantes de uma cultura material própria das instituições educacionais. A análise é orientada pela discussão de relações entre poder e educação sob ação político-governamental historicamente localizada, interrogando quanto às formas de organização curricular mediante a constituição de signos, significados e simbologias, sob perspectiva de cunho comparativo.

Quanto à estruturação, de início apresento mais alguns aspectos de teoria de base sobre a história do currículo. Depois faço uma breve abordagem dos cenários político-governamentais brasileiro e italiano no âmbito cronológico anunciado, passando ao tratamento da legislação educacional e das reformas empreendidas. A seguir apresento elementos das relações entre poder, educação e currículo naqueles momentos históricos em que se procurou instituir um formato de escola primária, focalizando notadamente elementos da base material da escola, entendidos como parte do conjunto de elementos que matiza os processos curriculares.

2 NOTAS SOBRE A HISTÓRIA DO CURRÍCULO

Durante as décadas de 1970 e 1980 foi intenso o debate nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha sobre o delineamento do campo da história do currículo. Uma das instâncias que proliferou diz respeito aos perfis nacionais, ou seja, sobre que espécie de currículo cada nação do mundo desenvolveu ao longo dos anos, entendendo-se que “Um currículo nacional pode ser entendido de modo geral como programas e práticas sistemáticos para educar a população

do país”; e neste caso, chama atenção a diversidade de currículos nacionais, embora os estudos apresentem convergências: “Eles expressam o quanto intricadamente relacionada ao currículo formal está a história de seu país. Eles também ilustram o conjunto de influências que dão aos currículos nacionais sua forma e conteúdo distintos (THE INTERNATIONAL..., 1994, p.1288).

Convivem diferentes visões sobre o objeto e os propósitos da história do currículo. O estudioso Schubert, por exemplo, identificou quatro enfoques:

a) interpretações de teoria e pesquisa curricular desde que o currículo foi admitido como uma área especializada de estudo acadêmico (este é principalmente um fenômeno do século vinte); b) estudos de conteúdo do currículo, do objeto e dos métodos de sua determinação e ampliação na prática atual através de toda a história humana; c) história do currículo como parte do estudo do pensamento educacional; d) história do currículo como pertencente ao conteúdo ou experiências de aprendizagem de qualquer instituição social ou relação que provê uma função educativa. (THE INTERNATIONAL..., 1994, p.1302).

Com esta base, ratifica-se que o historiador do currículo busca desvelar como os conteúdos de escolarização são determinados por contextos, construindo narrativas que arrolam elementos inter-relacionados: história das teorias do currículo, das ideias e movimentos; códigos do currículo ou princípios curriculares; história das disciplinas escolares; história da administração das instruções oficiais e dos planos de estudo (programas); história da reforma e prática de currículo (THE INTERNATIONAL..., 1994, p.1303). Emerge que o tratamento das experiências históricas de currículo pode agregar à discussão sobre os modelos de Estado e seu projeto educativo. A história do currículo lança luzes sobre a racionalidade, as componentes ideológicas e os discursos e pode situar as relações entre o governo e as instituições educacionais.

3 SOBRE OS CONTEXTOS NA ITÁLIA E NO BRASIL

A literatura que trata do governo de Mussolini e da chamada Era Vargas é abundante, pois o *Duce* e Getúlio encabeçaram projetos controversos. A ação desses líderes não é somente adjetivada como autoritária ou ditatorial, mas há pesquisas que evidenciam um protagonismo histórico *fascista*ⁱⁱ. Nesta linha, o Dicionário do pensamento social do Século XX esclarece:

...fascismo é uma palavra que designa um gênero singularmente multiforme de política moderna, inspirado pela convicção de que um processo de renascimento nacional (palingênese) [...] e expressando-se ideologicamente em uma forma revolucionária de NACIONALISMO integral (ultranacionalismo). [...] Registraram-se movimentos fascistas de destaque na Áustria, Bélgica, Grã-Bretanha, Finlândia, França, Alemanha, Hungria, Itália, Romênia e Espanha, bem como, fora da Europa, na África do Sul e no Brasil. (OUTHWAITE; BOTTOMORE, 1996, p.300).

De acordo com Paulo (1994), que pesquisou governos marcados pelo fascismo e suas estratégias de propaganda, a ação de Vargas no Brasil e a de Salazar em Portugalⁱⁱⁱ comungam estratégias de difusão cultural fascistas. Por sua vez, Garcia (1999, p.103) concorda que a propaganda é elaboradora da ideologia e aponta a escolha das instituições escolares como local de atividades do fascismo suportadas por estratégias variadas, uma vez que o nível cultural médio das classes subalternas, os seus interesses e a sua inserção no sistema são considerados na eleição de alvos das ditaduras. E quanto a um apelo à propaganda nacionalista, particularmente quando se examina aquela destinada às instituições escolares em território brasileiro, há um consenso de que focalizaram a região Sul, onde se situavam as zonas de imigração italiana e alemã, fundadas a partir do século XIX e nas primeiras décadas do século passado^{iv}. Isto porque as escolas comunitárias ou privadas fundadas por imigrantes europeus e seus descendentes nos núcleos de colonização foram encaradas como ameaças aos intentos políticos de Vargas, sendo foco de campanhas de nacionalização^v.

Em Documentos sobre Fascismo e Anti-Fascismo no Brasil, Rodrigues propõe que a Era Vargas se nutriu de ideias de extrema direita mascaradas sob um “trabalhismo controlado por leis de exceção”:

... uma miscelânea de fascismo italiano com uma compreensível dose “de novidades” enxertadas pelos encarregados da interpretação, tradução e ajuste aos costumes e necessidades brasileiras, acrescido de meios “constitucionais” para prorrogar indefinidamente o governo provisório. (RODRIGUES, 2006, p.5).

No que diz respeito à Itália, se alude à crescente *fascistização* do Estado e da sociedade a partir da segunda metade dos anos 1920, relacionada à atividade sobre o plano da cultura, sob a condução de Mussolini:

Existiu, sem dúvida, uma política cultural do fascismo, almejante de fascistizar a cultura existente e a criar *ex novo* institutos, entes e aparatos culturais nos quais, graças justamente à presença dos intelectuais mais ou

menos comprometidos com o regime, se explicou [...] a política cultura e propagandística do fascismo. (TACCHI, 2011, p.123).^{vi}

O italiano Renzo De Felice (2008), historiador do fascismo, adverte:

...é certo que, para atingir a uma explicação em termos efetivamente históricos do fenômeno fascista em geral e dos vários fascismos em particular, é necessário ter presentes e conciliar entre eles todas as interpretações até agora propostas e, acima de tudo, mais do que generalizar o significado de algum caráter do fascismo, ter sempre bem presentes **as características concretamente nacionais, ou seja, ligadas aos particulares acontecimentos históricos (econômicos, sociais, culturais e políticos) de cada país em que tem havido movimentos, partidos ou regimes fascistas. [...] Definir o fascismo é primeiramente escrever a sua história** (DE FELICE, 2008, p.XIII-XIV, grifos meus).

A utilização, mesmo que sucinta, de referências àquelas formas históricas de governo da Itália e do Brasil, pretende contribuir na análise das relações entre poder e educação; em decorrência, auxilia a interrogar sobre as vias pelas quais estabeleceram vínculo com a questão curricular, pondo em evidência as influências políticas no currículo nacional.

4 COMPONDO RELAÇÕES ENTRE PODER E EDUCAÇÃO: LEGISLAÇÃO E REFORMAS

À educação escolar foi atribuído um papel estratégico nas ditaduras europeias e latinoamericanas da primeira metade do século XX. No que se refere à Itália e ao Brasil, são numerosas as obras que abordam o uso das escolas com finalidades formativas vinculadas aos regimes totalitários.^{vii}

Nesta direção, ao focalizar as políticas educacionais exaradas no Brasil sob o comando de Vargas, é essencial citar Francisco Campos, intelectual alinhado ao governo desde os primórdios. Foi Ministro da Educação e Saúde durante o mandato provisório. Propôs um Estado forte e intervencionista e defendeu a ditadura como apropriada ao país (cf. CAMPOS, 2002, p.5). Segundo Garcia (1999, p.93), Campos foi o ideólogo do Estado Novo: legitimou a política apoiada num ideário fascista incorporado à Constituição de 1934 e à Carta Constitucional de 1937, compondo o arcabouço jurídico estadonovista.

Já a chamada Reforma Francisco Campos, correspondente ao Decreto n. 19.890, de 18 de abril de 1931, dispôs sobre a organização do ensino secundário, que compreendia dois cursos: fundamental, de cinco anos, e complementar, com dois anos de duração. Note-se que

para acessar a este nível o aluno deveria ser aprovado em um exame de admissão e ter idade mínima de 11 anos. A continuidade dos estudos se destinava a uma parcela da população infanto-juvenil que havia finalizado os três ou quatro anos da escola primária. De modo geral, as matérias ofertadas mesclavam uma base humanista (Línguas, História, Geografia, entre outras) a conteúdos de natureza científica (Matemática, Física, Química, Ciências Físicas e Naturais, etc.). Destaco a presença da obrigatoriedade da Educação Física, matéria que pode ser vista como portadora de intenções disciplinadoras, assumindo tom de militarização: “Art . 9º Durante o ano letivo haverá ainda, nos estabelecimentos de ensino secundário exercícios de educação física obrigatórios para todas as classes” (cf. BRASIL, 2013).

Ainda no plano da legislação educacional, também a Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde que atuou entre 1934 e 1945, são associadas estratégias que atingiram o plano cultural: “O ensino foi posto sob controle através de diversas normas, principalmente através da “Reforma Capanema” (1942); pela verificação e regulamentação dos livros didáticos e pelo processo de militarização escolar, com a criação da Juventude Brasileira” (GARCIA, 1999, p.87).

O panorama na Itália também foi marcado por reformas sustentadas por homens fortes do grupo capitaneado por Mussolini. Quanto à ação de líderes a serviço do poder, Giuseppe Bottai reuniu consenso entre a intelectualidade italiana quanto a uma *alma culta* do fascismo por meio da organização de instrumentos culturais que favorecessem o regime (TACCHI, 2011, p.129). Já à Reforma Gentile (1923) coube alterar o currículo escolar nos primeiros anos de incursão do regime e impor um modelo formativo. O filósofo Giovanni Gentile foi Ministro da Instrução Pública e compôs no governo de coalisão formado a partir de 1922. Numa etapa inicial da implantação do fascismo, a propaganda fazia um uso desordenado dos meios de comunicação, mas tinha foco na escola:

uma acção mais centrada num dos mais “clássicos” aparelhos de propaganda de Estado: o sistema de ensino. Desde 1922 o Ministério da Educação, chefiado por Giovanni Gentile, cuida não só do afastamento dos docentes contrários ao regime e da formulação dos currículos escolares, mas também da introdução das organizações da juventude fascista no quotidiano escolar. (PAULO, 2004, p.15).

De acordo com Tacchi (2011, p.82), à Gentile se atribuem as primeiras atividades do “Estado Educador”:

A “mais fascista das reformas”, como enfaticamente a apresentou Mussolini, teve uma forte marca autoritária e era coerente com os princípios pedagógicos do *attualismo* gentiliano^{viii}. O estado “educador” devia dar prova da própria força primeiro na escola, depois na sociedade: não somente a estrutura escolar foi reorganizada em sentido estreitamente hierárquico, mas do ponto de vista pedagógico-ideológico...

Considera-se Gentile como o ideólogo do fascismo. A reforma que empreendeu é delineadora da ação doutrinária impressa no currículo. Por esta normatização se alude à Regulamentação da instrução média e dos internatos nacionais (*Ordinamento della istruzione media e dei convitti nazionali*)^{ix}. Pouco se referiu à instrução elementar - uma vez que a escola inicial se destinava aos alunos entre os 6 e 10 anos de idade, mas regulamentou o nível médio frequentado pelas crianças a partir dos 11 anos^x. Informo que antes vigorava a Lei Coppino, de 1877, composta por 13 artigos que definiam os objetivos e as bases curriculares da instrução infantil: “Art.2. A obrigação prevista no artigo 1º é limitada ao curso elementar inferior, que geralmente dura até nove anos, e inclui as **primeiras noções dos deveres do homem e do cidadão, a leitura, a caligrafia, os rudimentos da língua italiana, da aritmética e do sistema métrico**” (TRAVAGLINO, 2013, p.28, grifos meus).

5 RECORRENDO ÀS FONTES, BUSCANDO *PENETRAR* NA ESCOLA

Indago pelas relações entre os ditames do poder veiculados nas políticas e as práticas pedagógicas impressas no currículo. Para uma aproximação à escola primária italiana, uso documentos da década de 1920 que auxiliam a compreender a operacionalização curricular reformadora em sua chegada às salas de aula. Faço referência a dois boletins escolares da estudante Laura Ganz: um deles registra sua frequência na 4ª. classe elementar entre 1926 e 1927 e o outro na 5ª. classe, cursada entre 1927 e 1928^{xi}. Sua escola se situava na comuna de Falcade, província de Belluno, porção setentrional da Itália. Nos boletins constam as matérias de cada classe e as notas ou votos (cf. Tabela 1). Os dados eram certificados pelo professor, por uma comissão examinadora e por visto do Diretor Didático.

Tabela 1 – Organização das matérias por classe na escola italiana entre 1926-28

| MATÉRIAS | CLASSES | | | | |
|--|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|
| | 1 ^a . | 2 ^a . | 3 ^a . | 4 ^a . | 5 ^a . |
| Religião | x | x | x | x | x |
| Canto | | | x | x | x |
| Desenho e bela escrita | | | x | x | x |
| Leitura expressiva e recitação | | | x | x | x |
| Ortografia | | x | x | | |
| Leitura e exercícios de língua italiana | x | x | x | x | x |
| Aritmética e contabilidade | x | x | x | x | x |
| Noções várias | x | x | x | | |
| Geografia | | | x | x | x |
| História | | | | x | x |
| Ciências naturais, física e higiene | | | | x | x |
| Noções de direito e economia | | | | | x |
| Trabalhos domésticos e trabalho manual | x | x | x | x | x |
| Ginástica e jogos * | | | | | |
| Respeito à limpeza e higiene da pessoa * | | | | | |
| Conduta * | | | | | |

* Notas especiais.

Fonte: Arquivo privado

Percebe-se a mescla de elementos curriculares de base clássico-humanista (Leitura e exercícios de língua italiana, por exemplo) e outros filiados à ciência, bem como matérias sobre as quais se pode indagar o propósito disciplinador (Ginástica e Jogos e Conduta).

Outra análise é do boletim da menina Fiorenha Ganz, matriculada para a 3^a. classe na mesma escola nos anos de 1932-33. Notam-se modificações. A primeira está na capa. Se antes constava o brasão do Reino da Itália, novos boletins foram confeccionados e conformados a uma linguagem que pretendia atingir a infância, emanada de nova visão de poder: há o desenho de um menino carregando uma espingarda estilizada, alusiva aos *Balilla*, sob o texto Ministério da Educação Nacional e Obra Balilla (SCUOLA ELEMENTARE MISTA COMUNE DI FALCADE, 1928). Segundo Tacchi:

Os jovens deveriam **garantir o prosseguimento do regime**, e à sua **educação e enquadramento o fascismo prestou muita atenção**. [...] Depois de 1922 foi organizado um regulamento para organizar os grupos Balilla (dos 8 aos 14 anos), sob a supervisão do vice-secretário do PNF [Partito Nazionale Fascista] [...] e em 1926 foi instituída a ONB (Opera Nazionale Balilla)... (TACCHI, 2011, p.150)

Assim, se levavam a efeito propósitos formativos, sob doutrinação: “Nas escolas do ensino primário e secundário as práticas fascistas iniciam-se aos quatro anos, quando o menino é levado a participar de um grupo que possui o nome mitológico de ‘Os filhos da Loba’, uma clara alusão à mística do Império romano. Aos oito anos transforma-se num

Balilla, [...] No meio feminino havia uma hierarquia idêntica” (PAULO, 2004, p.15). Por isto aparece no boletim: *INSCRITA NA OPERA NAZIONALE BALILLA*, sendo preenchido o ano escolar, que se refere ao período identificado como XI ano da *ERA FASCISTA*.

Quanto ao rol de matérias, existem mudanças quando comparado ao disposto na tabela 1. Permanecem Religião, Canto, Desenho e bela escrita, Leitura expressiva e recitação, Ortografia, Leitura e exercícios de língua italiana, Aritmética e contabilidade, Geografia, Noções de direito e economia, Trabalhos domésticos e trabalho manual. Mas constam as alterações: Noções várias e cultura fascista, para as 1^a. 2^a e 3^a classes; História e cultura fascista, para a 4^a e sucessivas; Ciências físicas e naturais e higiene, nova formulação; Educação física para a 3^a e sucessivas, diferindo de Ginástica e Jogos que constava como nota especial; Disciplina para todas as classes, que era uma nota especial e agora aparece ao lado de Conduta (esta entre parênteses); Higiene e cuidado da pessoa para todas as classes; e suprimiu-se o título Notas Especiais, mas aparecem dois conceitos relativos a Ausências: Justificadas ou injustificadas (SCUOLA ELEMENTARE MISTA COMUNE DI FALCADE, 1933).

A proposição e consolidação de um programa que atendesse à doutrinação incorporam terminologias que sugerem maior controle e disciplina como objetivos da formação, alinhadas às orientações estatais. A relevância da Educação Física no currículo é exemplo emblemático que revela sintonia com um projeto educacional que via no esporte e no culto da força física ferramentas importantes: “O regime buscou difundir uma cultura fascista de massa também com as atividades esportivas transformadas em instrumento de agregação social. As organizações juvenis e a escola atribuíram grande importância à educação física...” (TACCHI, 2011, p.149).

O livro didático é também um dos instrumentos que permitem rastrear os fios que amalgamam o ideário do poder às práticas escolares. Exemplo é *O Grande Timoneiro (Il Grande Nocchiero)*, do autor Fiori (1932), vetor de propaganda de Mussolini distribuído nas escolas dedicado a contar a saga de Mussolini. É dividido em três partes. A primeira, *O Navio Inclinado (La Nave Sbandata)*, quer mostrar a Itália antes do *Duce* como quase à deriva, desorientada moral e ideologicamente. A segunda seção se chama *Il Grande Nocchiero* e fala daquele que operou o *milagre*. Reescreve a trajetória que vai desde o Mussolini menino, passando por sua atuação como professor, pedreiro, militar, jornalista e deputado, culminando com sua liderança na “marcha sobre Roma”. A última, *Na Rota Segura (Sulla Sicura Rotta)*, ressalta que o fascismo é o rumo sólido em direção ao futuro.

Mergulho agora noutra fonte: um caderno escrito na Itália fascista. Seu autor, o menino Mario Dal Mas, estudava na escola elementar dedicada ao pedagogo Aristide Gabelli, que foi construída sob o regime fascista por obra da secretária local do *Fascio* feminino^{xii}. Seu caderno *Diario* revela atividades da época. A fonte data de 1939, quando Mario tinha oito anos. A ilustração da capa retrata cena da guerra da Etiópia, exaltando a política nacionalista-imperialista impulsionada pelo fascismo (cf. Figura 2). Nesse caso, estampa finalidades defendidas no projeto governista, apregoando a superioridade dos europeus em relação aos africanos, de base racial discriminatória.

Em algumas páginas são descritos fatos da escola, noutras episódios envolvendo a família. Numa delas é descrita a ida do menino com seus pais para assistir à *Aída* pelo *Carro di Tespi*, companhia de teatro itinerante criada em 1930 que objetivava levar a ópera às massas: “O teatro estava completamente cheio de gente chegada dos mais longínquos países da província. A cena de que mais gostei é aquela do retorno do exército faraônico vencedor da Etiópia. O palco cênico estava cheio de guerreiros” (SCUOLA ELEMENTARE ARISTIDE GABELLI, 1939). Para Angulo (2008), os cadernos testemunham a cultura infantil, a prática docente e o envolvimento de outros sujeitos do processo educacional. A escrita pode desvelar o modo como agem instrumentos pedagógicos de controle, homogeneização e inculcação cultural.



Figura 1 – Caderno escolar do estudante italiano Mario Dal Mas – 1939.
Exemplo da cultura material que expressa conteúdos curriculares

Fonte: Arquivo privado

Localizo uma fonte do mesmo tipo, produzida em sala de aula, mas em território brasileiro. Trata-se do caderno do professor catarinense Gustavo Tank, que exemplifica a escrita escolar sob o Estado Novo. Cita um rol dos trabalhos com ênfase em Linguagem Oral, Escrita e Leitura e na Aritmética. Constam também História, Geografia, Canto e Ditados, além do item Diversos (CADERNO, 1939). A escrita professoral registra ainda cartas e traduções^{xiii}. Numa das páginas há um texto enaltecendo o governo do país. Ficam evidentes as dificuldades com o português do docente, um descendente de imigrantes bilíngue de quem se exigiu a mudança na docência para atender aos moldes da campanha de nacionalização em andamento sob a batuta de Vargas e seu grupo:

Governo do Brasil

O Brasil tem o seu governo. Esse governo chamase Governo Brasileiro. Um paiz como o Brasil que tem o seu governo proprio chamase Nação Soberna. Cada nação soberana governa se sosinho sem render obediencia a uma outra nação. (*sic*). (CADERNO, 1939).

Assim como os livros e cadernos podem veicular propaganda dirigida à população escolar, atuando diretamente na classe por intermédio da ação docente, peças da legislação educacional possibilitam inculcação ideológica relacionada às prescrições curriculares. O *Programa de ensino das escolas isoladas das zonas coloniaes*, por exemplo, visava regular a atividade docente nas escolas espalhadas pelos núcleos de colonização europeia, mostrando a presença de princípios do nacionalismo. Detalha o uso de Cartilha e dos Livros de Leitura, bem como as atividades didáticas preconizadas para as disciplinas Linguagem Oral, Linguagem Escrita, Leitura, Aritmética, Cantos, Geografia, História do Brasil, Educação Moral e Cívica, Higiene, Ginástica e Trabalhos Domésticos (para a Secção feminina) (SANTA CATARINA, 1926). De acordo com a pesquisa de Santos (2009), compõe a legislação criada no Estado Novo, carregada de preceitos nacionalistas e que lançava mão de fundamento racial para justificar a busca pelo abasileiramento e civismo nas escolas primárias.

Vê-se que no Brasil, assim como na Itália, buscou-se utilizar a escola como veículo para difusão dos objetivos do nacionalismo palingenético com base na produção, distribuição e uso de impressos de variada natureza que funcionavam como propaganda do poder.

Destaco outras duas mostras: a Lembrança do Departamento de Educação e o livreto *O Brasil é Bom*, do Departamento Nacional de Propaganda (DNP). A primeira é um panfleto produzido pela Imprensa Oficial. Na sua aba frontal central aparece o brasão nacional e a identificação de Santa Catarina. No centro está escrito: LEMBRANÇA oferecida pelo

Departamento de Educação 1938. A primeira aba externa traz o texto A Pátria, de Rui Barbosa. Duas abas internas apresentam o Hino da Independência e Nacional (SANTA CATARINA, 1938). A presença desse documento revela que houve iniciativas estatais de realizar uma propaganda massificadora, de tom eminentemente panfletário. O Brasil é Bom é um opúsculo que exalta o Estado Novo e as coisas brasileiras. A redação tem 30 partes e utiliza o recurso estilístico de apresentar perguntas a um menino. As respostas tem um tom que busca infantilizar, com frases ricas em adjetivação que caracterizam com elogios o regime e seus líderes. No item 1, por exemplo, consta: “O Brasil é bom. Porque o Brasil é bom? Isso é que o menino quer saber. [...] Porque produz, porque seu solo é rico, porque tem uma natureza prodigiosa, porque seus filhos trabalham. Mas o Brasil é bom sobretudo porque tem o governo que lhe convém” (BRASIL, 1938).

Como é próprio na propaganda dos regimes ditatoriais, há constante enaltecimento do *chefe*, apresentado como figura paterna e líder consensual: “Quem é o chefe nacional? É o chefe do governo. Quem é o chefe do governo? O menino sabe que é Getulio Vargas. Getulio Vargas é um homem que sorri. Sorri porque tem confiança no Brasil. [...] Getulio Vargas é o chefe nacional pela vontade do povo brasileiro” (BRASIL, 1938).

Dentre as justificativas do autoritário Estado Novo consta uma defesa da pena de morte constante da Constituição de 1937. Faz pasmar a tentativa de amenizar a proposta sob linguagem destinada às crianças: “Pena de morte? Sim, senhor. O menino não fique espantado. A pena de morte não é para o bom cidadão. Não é para o bom brasileiro”; mais adiante, o texto explica que sua adoção não é motivo de vergonha para o Brasil, uma vez que: “A Alemanha tem pena de morte. A Itália também tem pena de morte. [...] Estados liberais, Estados fascistas e Estado comunista, todos tem pena de morte. [...] A pena de morte é um meio de livrar o país dos inimigos da Pátria!” (BRASIL, 1938).

O Estado Novo reservou um lugar às tarefas de doutrinação da infância e juventude, às quais propunha militarizar. Os exercícios de Ginástica, à moda dos quartéis, visavam incutir obediência e respeito. O livro Exercícios de Gymnastica – Usados nas escolas publicas do Estado de Santa Catharina reúne instruções como: “O professor dará as vozes, tendo em vista que ellas sempre se compõem de dois tempos: o de *advertencia* e o de *execução*”, “Exercícios preliminares para formatura” como “Direita – volver”, “Descançar” e “Sentido”, Formatura e Exercícios calisthenicos, sendo estes últimos destinados também às seções femininas (SANTA CATARINA, 1920, p.1-9). Para que os comandos fossem atendidos se conjugava a atitude do professor com aquela do aluno, à moda militar: “Quando as vozes se compuzerem de um único termo, o professor deverá pronunciar as primeiras syllabas,

descançadamente, e as ultimas rápida e carregadamente; exemplo: descan . .çar, sen . . tidô, deban . .dar, al . .to” (SANTA CATARINA, 1920, p.1-2). A figura que segue evidencia este aspecto presente na composição curricular escolar da época, sob um regime autoritário.

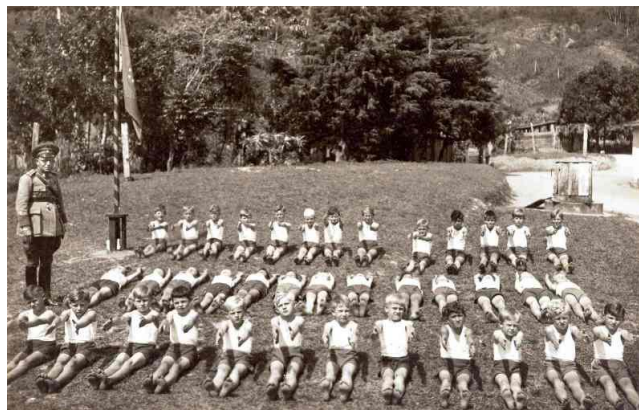


Figura 2 – Aspecto da Educação Física escolar evidenciando sua utilização com fins de militarização na formação infantil. O registro foi realizado no interior de Santa Catarina, durante a campanha de nacionalização do Estado Novo

Fonte: Arquivo Histórico Eugenio Victor Schmoeckel – Santa Catarina – (194-?)

Outro documento que pode ser visto como voz do poder é o Catecismo Cívico do Brasil Novo. Analiso o conteúdo desta fonte carimbada em junho de 1939 por uma Subdelegacia de Polícia de uma cidade catarinense. Apresenta capa colorida, sobre a qual se destaca Vargas em traje de gala. Publicado pelo Departamento Nacional de Propaganda, tem 36 páginas divididas em 10 seções com títulos como A Nacionalidade, Deveres para com a Pátria, O Princípio da Autoridade, O Regime Autoritário e O Estado Novo e os Interesses do Povo (BRASIL, 1937). Os textos são organizados em *Perguntas e Respostas*, buscando uma comunicação didaticamente orientada para gerar fácil compreensão, revelando um tom nacionalista e uma discursividade de intenções catequéticas que visavam consolidar imagens do poder.

A forma como a infiltração ideológica oriunda do corpo de governo brasileiro capitaneado por Vargas chegou às escolas, sendo que uma das facetas de uso ideológico é também percebida em jornais escolares de autoria infantil. Acessei um conjunto de onze edições de um jornal produzido por alunos da segunda e terceira séries da Escola Isolada Municipal Luiz Delfino, situada em um município catarinense onde estavam núcleos de descendentes de imigrantes alemães e italianos. Foi intitulado Tudo pelo Brasil e os exemplares remanescentes foram feitos entre 1941 e 1944. O teor das edições tem elementos

comuns: heróis nacionais, datas cívicas e discursos apologéticos sobre Vargas e o Estado Novo. A edição de abril de 1942 festeja o aniversário de Getúlio:

O aniversário do Presidente Vargas nesta escola. Aos desenove dias do mês de abril de mil novecentos quarenta e dois (1942) associando-se aos festejos do natalicio do Presidente Vargas foi organizado uma festa interna nesta escola regida pela professora regente.

Tendo comparecido os alunos matriculados nesta escola, cantaram aclamaram recitaram saudações e cantaram hinos. (*sic*). (ESCOLA MUNICIPAL LUIZ DELFINO, Tudo pelo Brasil, 1942).

Todo este *corpus* documental ratifica a criação de conteúdos específicos para a uma ação histórica que pode ser denominada de “fascistização”^{xiv}, ou seja, uma atitude derivada do fascismo, gerada nos usos do poder dirigido às instituições educacionais e configurada em expressões curriculares.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou apresentar elementos contributivos na composição de uma história do currículo. Para tanto, reconstituiu elementos de ação histórica que alinharam o poder em suas estratégias políticas e de pensamento e a educação escolar mediante algumas possibilidades de uma caracterização curricular embasada em elementos da cultura material.

Como apontamentos para a escrita de uma história do currículo, analisou elementos das relações entre poder e educação na Itália, sob Mussolini, e no Brasil, sob Vargas. Buscou mostrar como o poder central emanou diretrizes orientadas às instituições educacionais, configuradas em expressões curriculares. Tudo isto alimentado por atividades de um poder central ditatorial, por elementos da legislação e de reformas empreendidas, pela ação de intelectuais e, por fim, registrado em suportes da escrita presentes no cotidiano das escolas primárias.

Sob uma perspectiva de comparação, ficaram evidentes elementos de consonância entre as formas históricas de engendrar e articular as relações entre o poder e a educação nos dois países, levando em conta as evidências materiais configuradas nas fontes documentais analisadas, presentes tanto na escola primária brasileira como na italiana. Neste sentido, observado o *locus* destinado à instituição escolar naqueles regimes totalitários, apresenta-se como resultado que as complexas relações entre poder-educação-currículo orbitaram ao redor do constructo histórico de uma escola fascistizada.

REFERÊNCIAS

ANGULO, Kira Mahamud. O conteúdo emocional de três cadernos escolares do franquismo. In: MIGNOT, Ana Christina Venancio (Org.). *Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p.205-221.

BOMENY, Helena Maria Bousquet. Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. In: PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p.137-166.

BRASIL. Decreto n. 19.890 – 1931 – Reforma Francisco Campos. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/5_Gov_Vargas/decreto%2019.890-%201931%20reforma%20francisco%20campos.htm. Acesso em: 2 abr. 2013.

CAMPOS, Francisco. *O Estado Nacional*. eBooksBrasil.com.2002

CASSESE, Sabino. *Lo Stato fascista*. Bologna: il Mulino, 2010.

DE FELICE, Renzo. *Breve storia del fascismo*. Milano: Mondadori, 2011.

_____. *Il fascismo: Le interpretazioni dei contemporanei e degli storici*. Roma-Bari: Laterza, 2008.

DE GRAND, Alexander J. *L'Italia fascista e La Germania nazista*. Bologna: il Mulino, 2005.

l'Enciclopedia DIZIONARIO DI ITALIANO. Roma: Gruppo Editoriale L'Espresso SpA, 4v., 2004.

GARCIA, Néelson Jahr. *Estado Novo, Ideologia e Propaganda Política: A legitimação do Estado Autoritário perante as classes subalternas*. Ebooksbrasil.com, 1999.

GERTZ, René E.. *O fascismo no sul do Brasil: Germanismo, Nazismo, Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MIGNOT, Ana Christina Venancio. (Org.). *Cadernos à vista: Escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

PANDOLFI, Dulce (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

PAULO, Heloisa. *Estado novo e propaganda em Portugal e no Brasil: O SPN/SNI e o DIP*. Coimbra: Minerva, 1994.

RODRIGUES, Edgar. (Org.). *Documentos sobre Fascismo e Anti-Fascismo no Brasil*. E-BooksBrasil, 2006.

SANTOS, Ademir Valdir dos. Lo Stato Nuovo brasiliano (1937-1945) e la formazione scolastica dell'infanzia: il fascismo "goccia a goccia". *History of Education & Children's Literature*. v.1, 2010, p. 315-336.

SANTOS, Ademir Valdir dos. A política educacional nacionalista e o aspecto linguístico: vestígios na escola primária. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v.90, n.225, p.511-527, maio/ago.2009.

SCARZANELLA, Eugenia. *Fascisti in Sud America*. Firenze: Le Lettere, 2005.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, V.M.R. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra; EdUSP, 1984.

SEYFERTH, Giralda. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: TACCHI, Francesca. *Fascismo*. Firenze/Milano: Giunti, 2011.

THE INTERNATIONAL ENCYCLOPEDIA OF EDUCATION. 2.ed. Exeter: BPC Wheatons Ltd., 1994.

TRAVAGLINO, Tommaso. *Raccolta dei Principali Testi Normativi non Commentati in Materia Di Istruzione*.

Disponível em:

< http://www.tommasotravaglino.it/index_file/immagini_struttura/libro_Religione3.pdf. >
Acesso em: (18 mar.2013).

TRENTO, Angelo. "Dovunque è um italiano, là è il tricolore". La penetrazione del fascismo tra gli immigrati in Brasile. In: SCARZANELLA, Eugenia. (a cura di). *Fascisti in Sud America*. Firenze: Le Lettere, 2005, p.1-54.

FONTES DOCUMENTAIS

BRASIL. Departamento Nacional de Propaganda. *O Brasil é bom*. [S.I.:s.n], 1938. Não paginado [38p.].

BRASIL. *Catecismo Cívico do Brasil Novo*. DNP,1937

CADERNO de Gustavo Tank. Massaranduba, 1939.

ESCOLA MUNICIPAL LUIZ DELFINO. Tudo pelo Brasil, 1942.

FIORI, L. *Il Grande Nocchiero*. 7.ed. Firenze: Tipografia Fratelli Parenti di G., 1932.

SCUOLA ELEMENTARE MISTA COMUNE DI FALCADE. *Pagella Scolastica* di Laura Ganz, Comune di Falcade, Belluno,1927.

SCUOLA ELEMENTARE MISTA COMUNE DI FALCADE. *Pagella Scolastica* di Fiorenha Ganz, Comune di Falcade, Belluno,1933.

SCUOLA ELEMENTARE ARISTIDE GABELLI. Caderno de Mario Dal Mas. Belluno, 1939.

SANTA CATARINA. *Lembrança oferecida pelo Departamento de Educação*. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado, 1938. Desdobrável, 15cm x 16,5cm.

SANTA CATARINA. *Programa de ensino das escolas isoladas das zonas coloniaes*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1926.

SANTA CATARINA. *Os Exercícios de Gymnastica – Usados nas escolas publicas do Estado de Santa Catharina*. Blumenau: Hömke Irmãos, 1920.

ⁱ Corresponde a um dicionário especializado catalogado pela Biblioteca Britânica (*British Library*) e pela Biblioteca do Congresso (*Library of Congress*), respeitado pela comunidade científica de língua inglesa, notadamente a norte-americana e a do Reino Unido. As traduções apresentadas são minhas.

ⁱⁱ Destaco: DE FELICE, *Breve storia del fascismo*; TACCHI, *Fascismo*; CASSESE, *Lo Stato fascista*; DE FELICE, *Il fascismo: Le interpretazioni dei contemporanei e degli storici*; SCARZANELLA, *Fascisti in Sud America*; DE GRAND, *L'Italia fascista e La Germania nazista*; PAULO, Estado novo e propaganda em

Portugal e no Brasil: O SPN/SNI e o DIP; GERTZ, O fascismo no sul do Brasil: Germanismo, Nazismo, Integralismo.

ⁱⁱⁱ O Salazarismo é o regime ditatorial sob o comando de Antônio de Oliveira Salazar, situado entre 1933 e 1974.

^{iv} Sabe-se da presença de outros grupos étnicos na população. Evidencio aqueles mais numerosos e que, aos olhos da hierarquia comandada por Getúlio, constituíam perigo à nação.

^v Este argumento é aprofundado nos seguintes estudos: SANTOS, 2010; TRENTO, 2005; BOMENY, 1999; SEYFERTH, 1999; PAULO, 1994; GERTZ, 1987.

^{vi} Esta tradução, assim como de toda a literatura italiana posteriormente citada, é de minha autoria.

^{vii} Elenco: TACCHI, *Fascismo*; SANTOS, *Lo Stato Nuovo brasiliano (1937-1945) e la formazione scolastica dell'infanzia: il fascismo "goccia a goccia"*; SCARZANELLA, *Fascisti in Sud America*; PANDOLFI (Org.) *Repensando o Estado Novo*; PAULO, *Estado novo e propaganda em Portugal e no Brasil: O SPN/SNI e o DIP*; SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H.M.B.; COSTA, V.M.R., *Tempos de Capanema*.

^{viii} O *attualismo* é a doutrina de Gentile, que põe no espírito, entendido como ato puro, o princípio absoluto da realidade (cf. DIZIONARIO DI ITALIANO, 2004, p.284).

^{ix} Publicada em 1923 no G.U. - *Giornale Ufficiale* (Jornal Oficial, correspondente ao Diário Oficial brasileiro).

^x Chama atenção a coincidência das finalidades sociais educacionais e do destino a uma população infantil de mesma idade quando se compara a reforma italiana às reformas Campos e Capanema.

^{xi} Informo que o término da 5ª. classe assinalava a conclusão da elementar de grau superior; já a finalização da 3ª. indicava o final da elementar inferior – num conjunto de oito classes que correspondia à escolarização obrigatória, completos com três anos de escola complementar ou de curso integrativo.

^{xii} *Fascio*, no plural, *Fasci*, é a denominação que indicava as muitas associações e grupos políticos e paramilitares vinculados ao Partido Fascista italiano.

^{xiii} Quanto à presença da tradução como recurso didático, cabe lembrar que várias eram as escolas que atendiam filhos de imigrantes europeus, que necessitavam aprender a Língua Portuguesa.

^{xiv} O termo “fascistização” se origina no italiano *fascistizzazione*. No *Dizionario di Italiano* que constitui *l'Enciclopedia*, constam os termos *fascismo*, *fascistizzare* e *fascistizzazione*. O iDicionário Aulete, versão disponível na Internet do dicionário Caldas Aulete, registra fascistização como verbete constante da língua portuguesa. Quanto ao verbo *fascistizzare*, é “comportar-se como fascista, conformar à ideologia e aos métodos fascistas”, e o substantivo *fascistizzazione* se atrela tanto ao processo como ao resultado da ação que o verbo solicita (*l'Enciclopedia DIZIONARIO DI ITALIANO*, 2004, p.113).